

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

CRISTINA COELHO

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS NÃO
ALFABETIZADAS E A AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA HUMANIDADE**

Porto Alegre

2010

CRISTINA COELHO

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS NÃO
ALFABETIZADAS E A AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA HUMANIDADE**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura – da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:
Prof.^a Dra. Denise Comerlato
Tutora: Ms Eliane T. Gheno

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Graduação: Prof^a: Valquíria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Ao concluir este trabalho, gostaria de agradecer...

... A Deus, por sempre iluminar meu caminho e me dar às forças necessárias para enfrentar os obstáculos da vida;

... À minha mãe, Neiva e ao meu pai Airton, pelo amor, carinho, dedicação e educação que me proporcionaram, por tudo que me ensinaram, por toda a força, todo o apoio e incentivo que sempre me deram, por me ouvirem e apoiarem nos momentos mais difíceis;

... A minha filha Victória, (meu primeiro sonho realizado), que teve uma mãe um pouco ausente e estressada nesse último ano, mas não menos apaixonada, quero agradecer os sorrisos e abraços que me dava enquanto enlouquecia na frente do computador. Isso foi o que me deu força de seguir;

... Aos meus irmãos, Jaqueline e Felipe, por todo o apoio e ajuda que me deram ao longo de todo o curso;

... Às minhas queridas amigas Adriana, Camila, Roseane e Beatriz pela parceria ao longo do curso, por dividirem comigo as angústias e aflições durante o estágio e na produção deste TCC e por todo o apoio, amizade, colaboração e caronas é claro;

... À professora Denise Comerlato, minha orientadora de estágio e TCC, que me apoiou, esclareceu e me incentivou nas horas mais difíceis, acreditando nas minhas idéias e reflexões;

... A todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste segundo sonho...

... Muito Obrigada!

"Aprender uma língua é o principal meio de aprender as formas de viver da cultura".

David R. Olson

A conclusão deste trabalho seria impossível sem a colaboração de algumas pessoas que, deram sua contribuição em todas etapas. Destas, manifesto um agradecimento especial:

À minha mãe, Neiva, mulher guerreira, sensível e com uma grande sabedoria que me orienta mostrando sempre um caminho de luz;

Ao meu pai Airton, um verdadeiro herói, a pessoa mais batalhadora que conheço em minha vida na qual me espelho, e com quem aprendi a lutar pelos meus sonhos e objetivo mesmo frente á tantos obstáculos.

RESUMO

Resumo

A história da escrita e a construção/ aquisição da mesma por crianças tem sido tema de inúmeras pesquisas e tem recebido um olhar muito especial. A escrita foi um dos principais instrumentos para a grande evolução da humanidade; e surgiu devido, principalmente, à necessidade de comunicação e registro mnemônico de povos da antiguidade. Diante da realidade atual da escrita e sua aprendizagem e considerando seu contexto histórico, o presente estudo tem a intenção de fazer um paralelo entre o processo de invenção da escrita na história e o processo de aquisição da escrita pelas crianças ainda não alfabetizadas. Para estabelecer algumas relações entre os dois processos, utilizou-se as perspectivas dos estudos históricos da escrita, principalmente embasado no pensamento de Gelb (1996), e a da psicogênese da língua escrita com Ferreiro e Teberosky (1999).

As reflexões, a elaboração e a construção desse trabalho são resultantes da arquitetura pedagógica *Como a escrita foi inventada?* construída durante o estágio supervisionado do Curso de Licenciatura de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, modalidade EAD. Para o desenvolvimento da proposta junto às crianças, foi vivenciado com um grupo do 1º ano do ensino fundamental muitos dos processos históricos pelos quais a escrita passou, desde sua origem. A proposta foi desenvolvida de forma lúdica, investigativa e também científica, com a construção de hipóteses e sua negação ou comprovação.

Essa pesquisa, na forma de um estudo de caso, permitiu observar que existem semelhanças entre a construção histórica da língua escrita e o processo de aquisição realizado pelas crianças em processo de alfabetização, mas isso não significa uma mera repetição. Esses paralelos revelam os grandes obstáculos conceituais da língua escrita que foram ultrapassados pela humanidade e que, no processo de alfabetização, devem ser reconstruídos também pelo sujeito.

Palavras-chave: Alfabetização, História da Escrita, Psicogênese da Língua Escrita.

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 PSICOGENESE DA LÍNGUA ESCRITA.....	11
2.2 HISTÓRIA DA ESCRITA.....	18
3 COMO A ESCRITA FOI RE (INVENTADA).....	22
3.1 AQUISIÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA.....	36
3.1.2 A distinção entre o modo de representação da escrita.....	39
3.1.3 A construção de formas de diferenciação	40
3.1.4 Adquirindo a fonetização.....	41
4 REPENSANDO AS APRENDIZAGENS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

O presente trabalho consistiu em um Estudo de Caso¹, tendo como principal refletir sobre como as crianças de um 1º ano do ensino fundamental tal de uma escola Estadual do município de Alvorada compreendem a escrita, bem como o processo de construção que envolve esta aquisição. Também se pretendeu descobrir se existe ou não alguma semelhanças entre este processo e o processo de aquisição da escrita vivenciada pela humanidade ao longo da história.

Para alcançar tais objetivos, foi escolhido como referencial teórico os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky especialmente através da obra *Psicogênese da Língua Escrita* (1999) e os estudos de Jean Piaget sobre *A Representação do mundo na criança* (1926).

Ao propor *A história da língua escrita* para desenvolver a arquitetura, tinha também como objetivo, em relação aos alunos, oportunizar reflexões, experiências e descobertas destes frente aos questionamentos surgidos em sala de aula acerca da língua escrita.

Neste estudo de caso, cujo processo de pesquisa durou um semestre, foram utilizados como dados os registros do diário de classe com anotações diárias, e observações que iam surgindo à medida que era colado em prática o planejamento e, semanalmente, publicada as mesmas no pbworks.

As observações e a prática docente necessária para realização deste estudo foram feitas durante o estágio de docência na escola Estadual de Ensino Básico Professor Gentil Viegas Cardoso, situada na Avenida dos Gaviões, nº 350 no Bairro Jardim Algarve em Alvorada, e dirigida pela professora **Alda Maria Silvano**. **O estágio foi realizado em minha própria turma, a turma 14 do 1º ano no turno da tarde composta por crianças ¹ entre seis e sete anos de idade; num total de 26 alunos em sua maioria pertencentes à classe média baixa.**

¹ É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu "como" e os seus "porquês", evidenciando a sua unidade e identidade própria. (VILABOI. Disponível em <<http://mariaalicehof5.vilabol.uol.com.br/>> Acesso em 8/11/2010)

² O PBworks (antes conhecido por PBwiki) é uma ferramenta eletrônica para construção de páginas web de fácil manejo e uso por usuários leigos. Ela permite que múltiplos usuários editem e alterem seu conteúdo através de um sistema de múltiplas autenticações simultâneas

Estas crianças mostraram-se interessadas, apesar de muito agitadas. Souberam respeitar as regras de convivência na escola e participaram das atividades com muita dedicação, mostrando-se dinâmicas, questionadoras e muito cooperativas.

O espaço físico da sala era pequeno, o que acabou prejudicando qualquer atividade que necessitasse ser realizada dentro deste. Em compensação havia um pátio fechado que possuía dois banheiros apropriados para crianças. Neste ambiente, existia também duas casinhas de alvenaria para as crianças brincarem, além de árvores e bancos.

A questão *História da Escrita*, proposta em minha arquitetura pedagógica e no projeto de estágio, visava entender a evolução da escrita, na trajetória humana ocidental, suas particularidades e a razão (ou razões) da sua existência. Deste modo, o tema buscou oportunizar aos alunos a descoberta da necessidade humana de comunicação, desde seus primórdios até os dias atuais.

Considero este tema bastante relevante para educadores e educandos, pois, ao estudar a história da escrita podemos desenvolver o processo de alfabetização de forma diferenciada, formulando perguntas, buscando respostas e contextualizando-as através da história. Busquei contemplando as perguntas norteadoras, o interesse dos alunos, as hipóteses levantadas por estes, a fim de construir uma aprendizagem reflexiva e significativa para todos.

Conhecemos com o grupo de crianças, as formas encontradas pelos homens para suprirem as necessidades de comunicação, percorrendo desde a escrita das cavernas, passando pela escrita em papel, como a carta, até chegar aos dias atuais, da escrita virtual, das trocas de mensagens por blogs, emails.

As primeiras formas da escrita da humanidade privilegiaram o significado das palavras. A escrita pictográfica utilizava-se de desenhos que imitavam o objeto e a escrita ideográfica utilizava-se de símbolos simples e compostos representativos dos objetos. Só muito tempo depois é que surgiu o alfabeto, o qual foi evoluindo até chegar à representação que utilizamos hoje.

De forma semelhante os alunos, quando iniciados no processo de alfabetização, também passam por este processo de descobertas. Para aprenderem o Sistema de Escrita Alfabético, necessitam elaborar cognitivamente que a escrita representa a seqüência de sons que formam os nomes e as palavras em geral.

2 Referencial teórico

2.1 Psicogênese da língua escrita

Emília Ferreiro e Ana Teberosky realizaram um trabalho experimental nos anos 1974, 1975 e 1976 na cidade de Buenos Aires, com 108 crianças de 4 a 6 anos de idade, das classes social baixa e média e publicaram com o nome ***Psicogênese da Língua Escrita*** (1985). Este trabalho tinha o objetivo de explicar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita pela criança, assim como visava apresentar a interpretação do processo de aquisição a partir do ponto de vista do sujeito que aprende.

Ferreiro e Teberosky introduziram, em suas pesquisas, a escrita enquanto objeto de conhecimento e o sujeito da aprendizagem enquanto sujeito cognoscente. Também consideraram a noção que permite, diante da psicologia genética, estabelecer que existem processos de aprendizagem do sujeito que não dependem dos métodos. Afirma ainda que estes processos podem ajudar, frear, facilitar ou dificultar, porém não podem criar aprendizagem, considerando que “a obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito”. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p.31)

As investigações que elas realizaram tinham o objetivo de mostrar a pertinência da teoria de PIAGET e os conceitos psicolinguísticos contemporâneos na compreensão dos processos de aquisição em relação à língua escrita, sem considerar a disputa sobre os métodos de ensino. As autoras procuraram estudar o processo de construção do conhecimento na aquisição da língua escrita partindo da identificação dos processos cognitivos, através da compreensão das hipóteses infantis e da descoberta do tipo de conhecimentos específicos que a criança possui ao iniciar a aprendizagem escolar. Então, sendo assim, a criança deve colocar em evidência:

- A escrita como a concebe;
- A leitura como a entende;
- Os problemas tal como ela os propõe para si.

Ferreiro e Teberosky, tiveram como princípios básicos em relação a seus experimentos:

- A leitura nunca reduzida somente ao decifrado;
- A não identificação da escrita como cópia de um modelo, pois escrever é uma tarefa de ordem conceitual que vai além do aspecto perceptivo-motor;
- A não identificação de progressos na conceitualização com avanço no decifrado ou na exatidão da cópia. Pois se entende a aquisição como produto de uma construção ativa que segue etapas de estruturação do conhecimento. Assim, estudar esses progressos independe dos progressos escolares, porque estes progressos podem ou não coincidir com os avanços escolares.

Em resumo, como princípios básicos da investigação, as pesquisadoras levaram em consideração que ler não é decifrar, escrever não é copiar e progresso não é avançar na decifração. "De um ponto de vista interacionista piagetiano o conhecimento se constrói a partir do sujeito cognoscente e do objeto a conhecer, no qual o objeto serve de ocasião para que o conhecimento se desenvolva". (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 40)

Ao observar como as crianças escrevem sem ajuda escolar, Ferreiro e Teberosky (1999), relatam resultados obtidos com crianças entre 4 a 6 anos e as classificam em cinco níveis.

O primeiro nível é caracterizado pelo momento em que escrever é reproduzir os traços da escrita no qual a criança identifica como sua forma básica. Neste nível a escrita ainda não funciona como veículo de transmissão de informação, pois cada criança consegue apenas interpretar a sua própria escrita. As grafias são variadas e a quantidade destas são constantes, porém, a leitura da escrita é sempre global, cada letra vale pelo todo.

Este é um exemplo de uma das explorações com a turma 14 sobre a escrita, pedi que escrevessem as seguintes palavras:

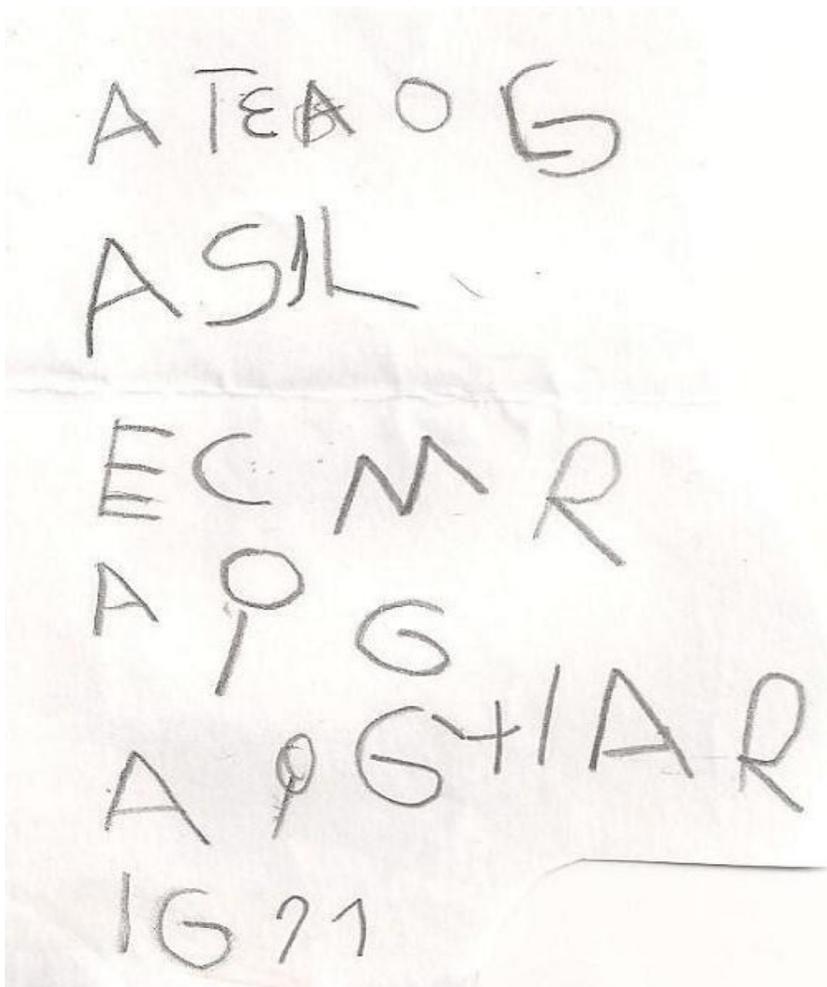
Dinossauro

Caverna

Tatu

Giz

O tatu saiu da toca.



O aluno V. ao iniciar a sua escrita perguntou:

(V)- O dinossauro é grande ou pequeno?

(Eu)- Por que quer saber?

(V)- Ora, para escrever certo.

Na leitura, passa o dedo corrido pela palavra e lê dinossauro. Acabam as letras, mas continua passando o dedo até acabar de pronunciar. Lê globalmente.

Quando foi escrever “giz”, colocou apenas a letra “A”, mas disse:

(V)- Uma letra só não dá. Né?

Ao escrever “O tatu saiu da toca”, continuou na linha de baixo justificando que o buraco fica para baixo.

Percebemos que ele já sabe que a escrita é uma forma de representação, mas não sabe ainda se utiliza pseudoletas, números... Não associa os grafemas e os fonemas apenas preocupa-se com o número de letras que deveria usar. Relaciona o tamanho da palavra e o objeto em si para escrever, não associa o som da fala com os

sinais gráficos da escrita, demonstrando o que se chama de Realismo Nominal nos estudos da psicogênese.



No nível dois, a criança levanta a hipótese central de que para ler coisas diferentes deve também diferenciar a escrita. O progresso está presente na forma do grafismo, que é mais definido e mais próximo das letras convencionais. Porém, a criança continua acreditando que é necessário uma certa quantidade mínima e variedade de grafismos para que a escrita aconteça.

Neste exemplo escrito pelo aluno L. F., seguindo as mesmas instruções do primeiro podemos perceber essas características.

O L. F. leu silabicamente a palavra que havia escrito para Dinossauro até a letra “A” (IOAOI), mas ao chegar na letra “A” disse:

(L.F.)- Está faltando letras!

(Eu)- Quais?

Então ele colocou as outras que estão presentes.

Quando escreveu a palavra “tatu” que está com o número 3, ele escreveu “TIG”, mas apagou a letra G. Eu perguntei:

(Eu)- Porque apagou?

(L.F.)- Porque sobrou.

(Eu)- Como sabe?

(L.F.)- Eu li assim: T (ta) I (tu). Sobrou viu?

Quando foi escrever "O tatu saiu da toca" disse:

(L.F.)- Não conheço a toca.

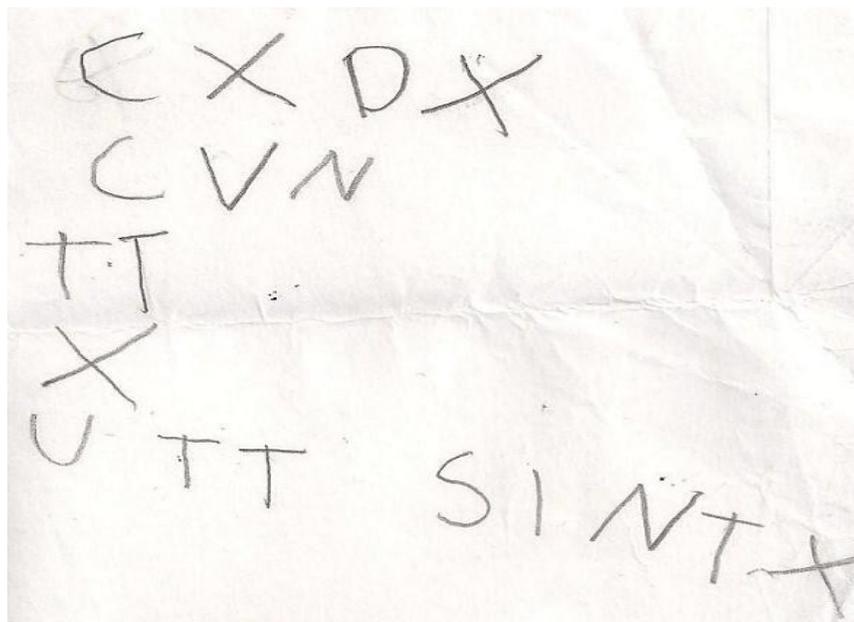
(Eu)- Por que precisa conhecer?

(L.F.)- Para saber se é grande ou menor.

(Eu)- Por que?

(L. F.)- Para poder escrever!

No exemplo acima podemos perceber que o aluno ainda não faz relação com os fonemas e grafemas. Usou uma letra para cada sílaba sem se preocupar com o valor sonoro atribuído a elas.



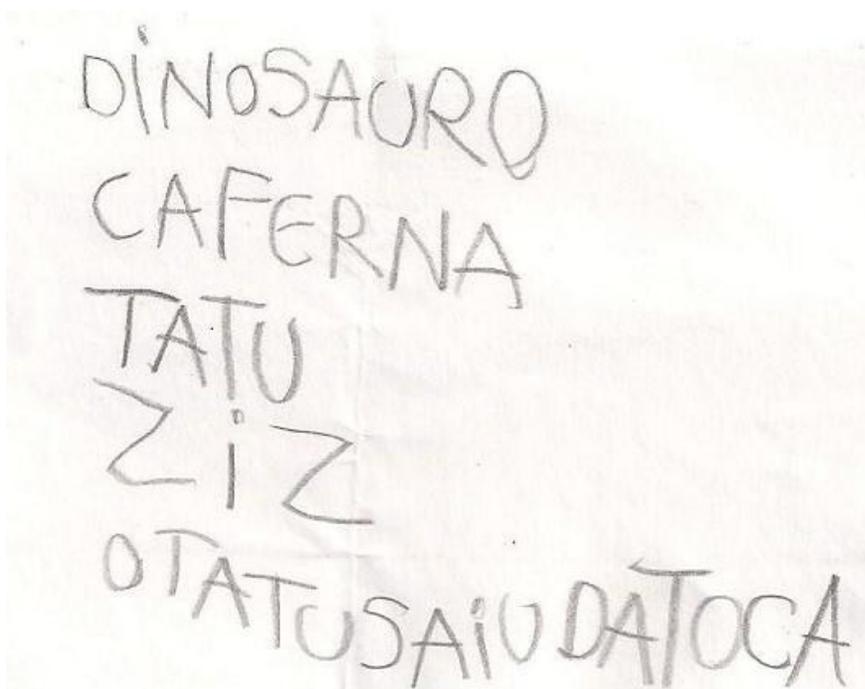
O terceiro nível é caracterizado pela tentativa da criança em dar um valor sonoro a cada letra que compõe a escrita. Superada a etapa de correspondência global

entre a forma escrita e a expressão oral, começa agora a tentar estabelecer uma correspondência entre cada letra e a expressão oral no recorte silábico da palavra. Trabalhando assim pela primeira vez com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da linguagem oral.

O exemplo que segue, é referente à hipótese silábica com valor sonoro, realizada pela aluna F., seguindo as mesmas orientações das anteriores. A aluna tentou representar através da escrita sua fala, fazendo relação entre o som e a grafia. Escreveu uma letra para cada sílaba priorizando as consoantes.

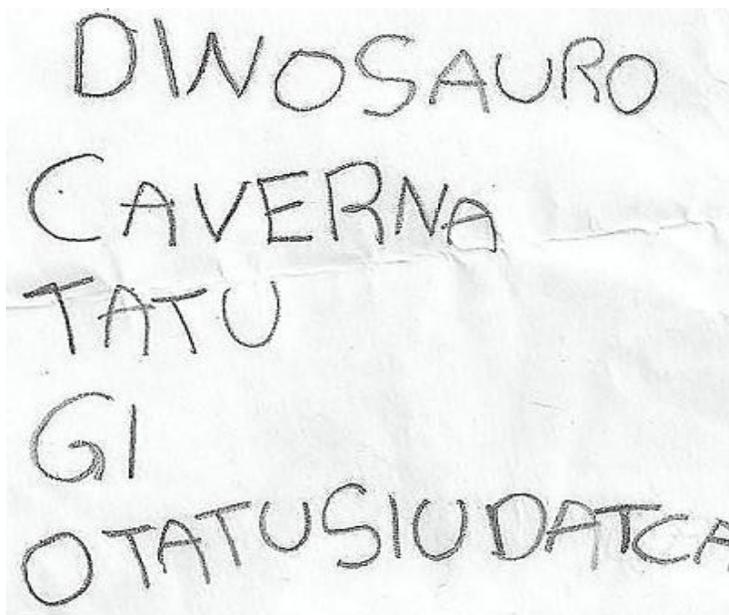
No quarto nível, a criança passa da hipótese silábica para a alfabética. Descobre a necessidade de fazer uma análise mais profunda e ir além da sílaba.

Assim, apresento o exemplo da aluna Y., que de acordo com as suas hipóteses produziu a seguinte escrita, seguindo as mesmas orientações dos exemplos anteriores.



A aluna faz correspondência entre fonemas e grafemas escrevendo suas hipóteses de acordo com a fala.

No quinto nível, a escrita alfabética alcança os objetivos desta evolução.



A criança compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a um valor sonoro menor do que a sílaba e consegue realizar uma análise sonora sistemática dos fonemas das palavras que pretende escrever. O problema agora que a criança precisa resolver são as dificuldades da própria ortografia, mas já compreende o sistema da escrita em si.

Assim, segundo Ferreiro e Teberosky (1999) os níveis da escrita são:

- Pré silábica- não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada.
- Silábica- Interpreta a letra a sua maneira, atribuindo o valor de sílaba a cada uma.
- Silábico alfabética- Mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas.
- Alfabética- Faz correspondência entre fonemas e grafemas.

O livro *Psicogênese da Língua Escrita* me auxiliou muito durante a realização de meu estágio no que diz respeito às diferentes hipóteses que as crianças fazem em relação ao funcionamento da escrita. A *Psicogênese* explora os recursos da linguagem e da escrita na perspectiva do letramento. No processo de alfabetização, a criança precisa chegar a compreender com quantas letras se escreve uma palavra, quais são elas, em que ordem aparece. Então, através deste estudo, percebi semelhanças com as observações da minha prática e dúvidas surgidas durante o estágio quando propus

um ensino baseado na evolução cognitiva, priorizando as competências necessárias para cada faixa etária, juntamente com o desenvolvimento linguístico, os quais englobam os conhecimentos necessários para o aluno aprender a ler e escrever.

De acordo com Ferreiro (1985), a criança inicia o aprendizado do aspecto formal da escrita com 3 ou 4 anos e esse processo segue até aproximadamente os 10 anos, isso se tiver acesso aos objetos de aprendizagem e usuários da língua escrita em seu contexto social. Durante este período a criança passa por algumas etapas (concepções) do desenvolvimento da linguagem escrita.

Neste processo, o professor alfabetizador pode realizar uma abordagem psicogenética de alfabetização que possibilita assim uma visão mais singular do processo de cada alfabetizando em relação à apropriação desse conhecimento, já que as particularidades do processo de construção da escrita são próprias de cada indivíduo e são marcadas pelas hipóteses de escrita seguindo os níveis. Como vimos anteriormente, os níveis de escrita e as diversas hipóteses elaboradas pela criança durante o processo de aquisição da escrita, estão inseridos nos três grandes períodos de construção (pré silábica, silábica e alfabética).

As produções escritas são marcadas pelas hipóteses cognitivas subjacentes à estas produções. Assim sendo, as produções que antecedem à escrita alfabética não correspondem à escrita padrão, pois anteriormente a ela nem sempre há busca de representar o som das palavras e, mesmo quando há a busca, nem todos os fonemas estão representados. As escritas pré-silábicas e silábicas são consideradas um erro sob a perspectiva da escrita alfabética padrão; mas considerando a construção cognitiva/ hipótese que a gerou, esse erro passa ser considerado construtivo.

2.2- História da escrita

A escrita foi inventada na Suméria, há cerca de cinco mil anos. Antes os povos da pré história não tinham escrita, mas tinham várias formas de registrar, comunicar e conhecer através de gestos, sinais, marcas e desenhos. **As primeiras formas de escrita de que se tem conhecimento eram pictográficas. Isso demonstra a importância da imagem na percepção e comunicação humana. A escrita pictográfica não representava a linguagem verbal. Representava primeiramente objetos, figuras e idéias, independentemente da lógica do discurso. Sobre os homens pré históricos entende-se que:**

Desde que nascem, esses sujeitos são construtores de conhecimento. No esforço de compreender o mundo que os rodeia, levantam problemas muito difíceis e abstratos e tratam por si próprios, de descobrir respostas para eles. Estão construindo objetos complexos de conhecimento, e o sistema de escrita é um deles. (Moura 1999,p.111)

Podemos dizer que uma das grandes invenções da humanidade até hoje foi à escrita, que surge a partir da necessidade do homem de criar registros, de comunicar algo à distância, de armazenar dados e informações, enfim, de preservar sua história. As primeiras formas de escrita da humanidade privilegiaram o significado das palavras, a escrita era formada por ideogramas que representavam uma palavra, assim sendo, eram necessários diversos signos pictóricos para representar tantos quantos objetos ou idéias fossem necessários. A escrita pictográfica utilizava-se de desenhos que imitavam o objeto e a escrita ideográfica utilizava-se de símbolos simples e compostos representativos dos objetos. Só muito tempo depois que surgiu o alfabeto, um conjunto de sinais as letras que representavam os sons.

Sobre a relação entre a linguagem simbólica- expressa através de símbolos abstratos pintados- e a sua intenção, digamos que foi através destas imagens que o homem entendeu que podia fazer passar uma mensagem, um pensamento, o seu estado de espírito, etc. (web site Saiba Mais)

http://www.passeiweb.com/saiba_mais/fatos_historicos/geral/surgimento_da_escrita

De forma semelhante ao processo de evolução da escrita realizado pela humanidade, quando iniciada no processo de alfabetização a criança não diferencia a escrita do desenho. Depois, segue escrevendo, mesmo que utilizando letras, buscando uma representação das características do objeto. Se for um objeto grande, usa muitas letras, se pequeno, poucas.

Numa segunda fase a escrita passa a adquirir valores fonéticos. A criança passa a vincular a escrita com o som das palavras. O alfabeto surge a partir de uma decomposição da palavra em sons simples.

Na sala de informática descobrimos que o primeiro povo a decodificar as palavras em sons e a criar signos para representá-los foram os fenícios. Para vivenciarmos esta aquisição do povo Fenício, propus que criássemos um alfabeto também; que seria o nosso alfabeto; o alfabeto da turma 14. Em grupos, tinham que criar um símbolo para cada letra do alfabeto.

Todos adoraram esta possibilidade. Claro, teve aqueles alunos que queriam fazer símbolos já existentes e outros que fizeram mais difíceis do que eu imaginava, mas o todo ficou bonito e interessante. Cada aluno apresentou o seu símbolo aos demais e também colocou exposto na sala de aula para ser utilizado em outro momento.



Utilizando o alfabeto que inventaram, escreveram a palavra “amigo” e a deram a quem consideraram como tal na sala de aula.

Retomando e continuando a história da escrita, essa então evoluiu e passou a ser alfabética. Foi o alfabeto fenício arcaico que surgiu pela primeira vez e deu origem a todos os alfabetos atuais, das sociedades ocidentais, difundidos pelo mundo através da Europa.

O alfabeto fenício arcaico foi o mais perfeito e difundido do mundo antigo e é anterior ao séc. XV a.C.. Este alfabeto era constituído de 22 signos que permitiam escrever qualquer palavra, assim sua expansão foi rápida devido à sua simplicidade.

Um fato importante para nossa civilização foi à adoção deste alfabeto pelos gregos em aproximadamente VIII a.C.. Os gregos incorporaram neste alfabeto alguns sons vocálicos, e o alfabeto grego clássico que conhecemos é composto de 24 letras, vogais e consoantes.

A escrita surgiu quando o homem abandonou o nomadismo e tornou-se sedentário pois começou a cultivar seu alimento e criar animais. Assim, precisava de um recurso para registrar o nº de animais que possuíam, e a quantidade de alimentos estocados.

Mais tarde a escrita foi utilizada para registrar os dias do ano e, posteriormente, para registrar grandes feitos. Nesta época, não era necessário que pessoas comuns dominassem a escrita, pois seus ofícios não exigiam tal conhecimento.

No entanto nos últimos séculos, a sociedade passou a funcionar baseada no código escrito e a instrução escolar tornou-se o pré requisito necessário para o sucesso do indivíduo. Pode-se afirmar isso tendo em vista que a primeira coisa que a criança aprenderá ao ingressar na escola do ensino fundamental será ler e escrever, e este será o enfoque durante os primeiros anos de vida escolar uma vez que para desenvolver-se no ambiente de ensino necessita dominar o código escrito.

Se a princípio a escrita era utilizada somente para o registro de informações importantes e reservada a uma elite seleta, nos dias de hoje seu papel é completamente diferente e fundamental na formação dos indivíduos, na inserção cultural e na construção da cidadania.

Ler é muito mais que atribuir significado a palavras isoladas, do que decodificar o código escrito. O ato de saber ler como patamar para adquirir esta habilidade implica em construir conhecimentos, gerar reflexões e desenvolver uma consciência crítica sobre o que é lido.

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.” (FREIRE, 1996, p 30).

3 Como a escrita foi (re)inventada?

O trabalho desenvolvido durante meu estágio foi através de arquitetura sobre a história da escrita. A questão inicial a ser resolvida era *Como a escrita foi inventada?*

Para isso, partimos da curiosidade dos alunos, do desejo de aprender. Acredito que este seja o mais humano dos desejos. A busca sem fim que encontra sempre novas buscas. Curiosidade esta que fez nascer história, conhecimento, arte e tecnologia, tudo ao mesmo tempo.

A questão que escolhi trabalhar com meus alunos visava compreender a evolução da escrita na história da humanidade, suas particularidades e a razão (ou razões) da sua existência, oportunizando aos alunos a descoberta da necessidade humana de comunicação desde seus primórdios até os dias atuais.

Segundo Vigostsky (1962,p.99), a escrita permitiu ao homem fazer não só coisas novas, mas, mais significativamente, transformou o discurso e a linguagem em objetos de reflexão e análise.

Esta escolha se deu porque ao iniciar o ano letivo durante a realização de uma atividade com os nomes dos alunos, ocorreu uma discussão devido à origem das letras.

. A *Y disse que só ela tinha a letra “y” em seu nome, e era uma letra "importada". Os alunos contestaram, comentaram sobre o que pensavam em relação à origem das letras de seus nomes e me perguntaram se existiam letras importadas. Queriam saber se cada país tinha um alfabeto, se na China era igual ou diferente do nosso, como fizeram as letras que aprendem na escola...

Então, bastou organizar com eles esta questão. Assim como em meu estudo de caso, as conclusões de Emília Ferreiro e Ana Teberosky passam pela idéia de que o aprendizado da criança, e não o ensino, está no centro do processo. Mais do que saber usar a linguagem oral, trata-se de ajudar primeiro a tomar consciência de algo que ela sabe fazer, de ajudá-la a passar de um saber fazer a um saber a cerca de, a um saber conceitual. Isso porque a criança já pensa a escrita muito antes de entrar na escola e na maioria das vezes já vivencia esta escrita através de seus pais e familiares.

Contei um pouco do que eu sabia sobre a história da escrita e levantei outros tantos questionamentos sobre o que eu desconhecia. Estimulei as reflexões e pesquisas no LABIN (Laboratório de informática) sobre o assunto, uma vez que também achei interessante relacionar esta aprendizagem com a construção feita pelos alunos quando iniciados no processo de alfabetização; pois passam por processos semelhantes de descobertas e tentativas para aprenderem o Sistema de escrita alfabético.

O aluno “D” , já em sala de aula, me perguntou se eu queria que eles escrevessem ou se era para desenharem. A aluna “B” respondeu apressadamente que era para escreverem, pois estavam na escola e não mais no pré escolar. Expliquei a eles que o meu objetivo era que demonstrassem o que tinham entendido do que havíamos olhado e ouvido; não importando a forma que utilizassem.

A maioria se sentiu mais à vontade fazendo desenhos e colocando algumas letras em balõezinhos, como se as pessoas e os animais estivessem falando, mas seis alunos não só desenharam, como fizeram setas nomeando os desenhos que haviam feito. Ficaram ótimos!

Iniciei o trabalho desafiando os alunos á construírem seu conhecimento partindo de provocações, com perguntas, testando hipóteses criadas por eles em relação a estes questionamentos. Para isso, trabalhamos em grupos de quatro componentes por acreditar que o trabalho em grupo proporciona a discussão e a troca de experiências tornando o trabalho mais completo e diversificado.

As aulas foram realizadas através de atividades de interpretação de palavras, situações, vídeos, todos relacionados ao contexto em que estávamos trabalhando. Procurei realizar estas ações respeitando o ritmo de aprendizagem de cada aluno, mas sempre estimulando o espírito crítico e participativo de todos.

Iniciamos o processo de aprendizagem com as certezas que tinham e as dúvidas que gostariam de solucionar. Portanto lhes questionei sobre a origem da escrita. Fizemos uma lista com as colocações dos alunos.

Lista das hipóteses da turma 14 em relação á origem da escrita:

- a) Inventaram a escrita com a máquina de escrever. (A)
- b) Começaram a escrever com bolinhas e inventaram a letra “o”. (B)
- c) Os cientistas inventaram a escrita. (Y)
- d) A escrita foi inventada para aprendermos as letras. (R)
- e) Um anjo inventou. (C)
- f) Os índios bateram nas pedras e inventaram as letras. (L)
- g) Eles olharam todas coisas que começavam com a letra A e inventaram a letra A, e depois todas as letras. (L. F.)
- h) Os homens desenharam, desenharam...até que inventaram as letras..(D)
- i) Começou a ser inventada pelos homens das cavernas. (K)
- j) Os homens sonhavam e inventavam uma letra, dormiam, pensavam e inventavam outra. (E)

Segundo Piaget em sua obra *A Representação do mundo na criança* (1926, p.55), a questão da definição dos nomes e da invenção destes caracterizam-se em três estágios. No primeiro a criança considera os nomes como uma propriedade das coisas, concepção semelhante à expressa na letra “g” e “j”, pois o sonho aqui pode-se

apresentar apenas como uma revelação de algo que já existia, mas que não se conhecia.

Durante um segundo estágio, os nomes foram inventados pelos criadores das coisas (Deus ou os primeiros homens), caso similar às concepções “e”, “f” ou “i”, por exemplo. Durante o terceiro estágio, a criança acha que os nomes se devem a quaisquer homens, sem que o nome esteja ligado à criação das coisas, caso da concepção “h”, que se mostra bastante processual.

Assim, percebe-se na listagem acima que alguns alunos entendem que a escrita foi inventada, mas não compreendem que esta origem possa vir de um processo histórico humano. A escrita, assim como o nome da pesquisa de Piaget, não pode vir de um outro lugar senão do criador (Deus ou os primeiros homens, um anjo, um cientista); e por fim, podem pensar que esse foi uma construção histórico humana.

Depois da lista de hipóteses sobre a origem da escrita construída pelos alunos fomos pesquisar no LABIN a respeito desta. Descobrimos que foi inventada na Suméria, há cerca de cinco mil anos. Antes, os povos da pré-história não tinham escrita propriamente dita, mas tinham várias formas de registrar, comunicar e conhecer através de gestos, sinais, marcas e desenhos.

O sistema desenvolvido pelos antigos Sumérios, no tempo em que as sociedades caçadoras estavam sendo substituídas pelas sociedades agrícolas consistia em um conjunto de desenhos com argila de cores e formas distintas, usados para armazenar registros de ovelhas, gados e outros animais, bem como mercadorias como óleo e grãos. Por volta do IV milênio a. C., aproximadamente na época do crescimento das cidades, a variedade de desenhos aumentou em grande escala, supostamente por causa do crescente número de tipos de itens a serem relacionados, e os desenhos começaram a ser perfurados de modo que pudessem ser unidos. Logo depois, foram colocados em envelopes espécie de esfera de argila que, como a corda, podiam delimitar uma única transação.

A teoria evolucionária explica o aparecimento de sucessivos tipos de escrita, começando com desenhos e terminando com o alfabeto. Conhecemos a escrita de desenhos que expressava idéias diretamente, seguidas por sistemas escritos baseados em palavras, logo por sistemas escritos silábicos baseados em sons, incluindo sistemas silábicos não vocalizados ou sistemas consonantais, e terminando com a invenção do alfabeto grego.

Utilizando este estudo, iniciamos uma viagem fascinante através de uma narrativa pelo mundo da escrita, que teve início no tempo das cavernas, quando os homens escreviam nas paredes com carvão para registrar suas conquistas e tudo mais que quisessem comunicar. Escolhi trabalhar desta forma por acreditar que não existe sonho mais fantástico do que viajar através do tempo, voltar ao passado!

A história começava assim:

Imagine, que você e seus colegas resolveram construir uma máquina do tempo. Pegaram muitas ferramentas e construíram uma linda máquina metálica...

Depois de pronta você então resolveu entrar na máquina. As luzes começaram a piscar e a máquina acabou decolando...

Você viaja há mil anos luz e aterrissa no tempo das cavernas.

Você sai da máquina e se transforma num homem das cavernas. Pensa que é fácil?

Você não tem recursos para se defender através da tecnologia. Nem roupas você tem. Não consegue conversar, só se comunica com gestos.

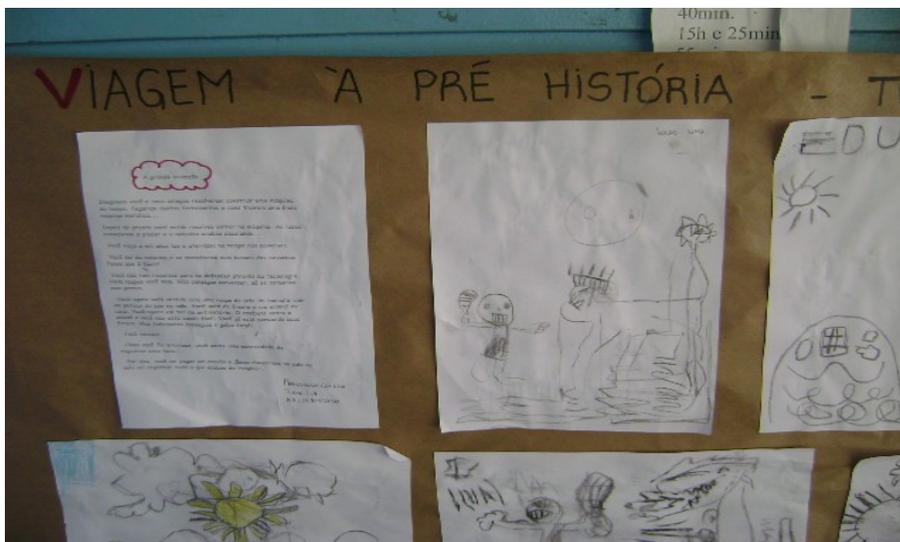
Você agora está vestido com roupa de pele de mamute com um pedaço de pau na mão. Você está de frente a um animal de caça. Você agora vai ter de enfrentá-lo. O combate entre o animal e você não está sendo fácil. Você já está perdendo as suas forças, mas felizmente conseguiu o golpe fatal.

Você venceu!

Como foi vitorioso, você sente uma necessidade de registrar este fato. Por isso, você vai pegar um carvão e quando chegarmos na sala de aula vai registrar tudo o que acabou de imaginar.

Para marcar esta aprendizagem, os alunos “escreveram” ilustrações com pedaços de carvão em folhas de ofício ilustrações de acordo com a história contada pela professora. Alguns alunos, como o “R”, pediram para mostrar para os colegas o que haviam desenhado, outros como a “K”, perguntaram se podiam escrever também. Antes que eu respondesse, o “G” disse que ou ela desenhava ou escrevia. A aluna “A” entrou na conversa e disse que ela poderia escrever o nome das coisas que desenhou. Então gerou um tumulto, pois queriam escrever todos os seus desenhos!

Outros alunos questionaram a respeito da escrita, pois disseram que, naquela época não existia ainda aquelas letras.



O trabalho foi muito criativo e rico em informações, pois adoraram escrever com o carvão reproduzindo a história narrada.

Durante a história todos já comentavam e emitiam sons, fazendo gestos que julgavam ser coerente ao que escutavam. A idéia de desenhar com carvão tornou-se mais interessante ainda pelo fato de não imaginarem realizar um trabalho usando este tipo de material e por fazerem suposições sobre o que faziam os homens nesta época da história. Muitos solicitavam auxílio para escreverem estes sons, pois não aceitavam o fato de realizarem somente desenhos, e acabaram por realizar escritas espontâneas.

De acordo com Ferreiro (1985, p.16) a Produção Espontânea é aquela que não é o resultado de uma cópia imediata ou posterior, portanto, a escrita ou a produção espontânea é aquela em que o alfabetizando escreve como sabe, escreve do seu jeito, o que não significa escrever de qualquer jeito; assim, esta escrita é o indicador mais claro das explorações que os alfabetizando estão realizando para compreender a natureza da escrita.

Dando seqüência ao estudo dos primórdios da escrita, os alunos, descobriram que assim como o carvão existia uma tinta à base de sangue e gordura de animais, misturadas com terra que também era muito utilizada. Continuei contando mais um capítulo da história para os alunos:

Você ainda continua viajando na história e, felizmente conseguiu registrar tudo o que queria. Assim, começou a se comunicar com seus colegas, com pessoas que você nem conhecia, a deixar recados em lugares perigosos...

E quando você caçava um boi por exemplo, queria deixar registrado, então desenhava uma cabeça de boi nas paredes com uma flecha e assim quem passasse por ali saberia que você havia tido sucesso em sua caça. E assim, você foi se acostumando a registrar tudo o que acontecia com você!

Além do carvão, você também descobriu que poderia usar uma tinta feita de terra, gordura e sangue dos animais. Assim, você ia registrando nas paredes de sua caverna a sua história e as suas descobertas.

Os alunos desenharam como pensavam que era a vida neste tempo, utilizando uma tinta vermelha guache misturada com areia simbolizando a original feita na pré-história.



Os trabalhos realizados com esta tinta ficaram bonitos e geraram uma euforia entre eles pelo fato de utilizarem os dedos para fazerem os registros.

Em um outro capítulo da história, continuei a narração:

Tudo vai evoluindo no mundo, você agora deixou de viver nas cavernas, entrou novamente na máquina e prosseguiu a sua viagem chegando no tempo em que os homens construíram cidades, aprenderam a plantar, criar animais e já se comunicavam através da fala. Por causa de tantas mudanças, a escrita passou a ser um instrumento necessário e importante.

O homem passou a ter necessidade de contar os animais que agora cria, registrar o nome de produtos que vende para outras pessoas, ou seja, precisam controlar a sua vida, os acontecimentos através de registros. Para fazer estes registros, passou a escrever em tábuas de argila úmida utilizando objetos pontiagudos.

Conhecemos a escrita pictográfica que é um dos mais antigos e rudimentares sistemas de escrita. Nesse sistema se exprimiam as idéias por meio de desenhos figurativos e estilizados (uma figura para cada objeto) que funcionavam como símbolos para a escrita.

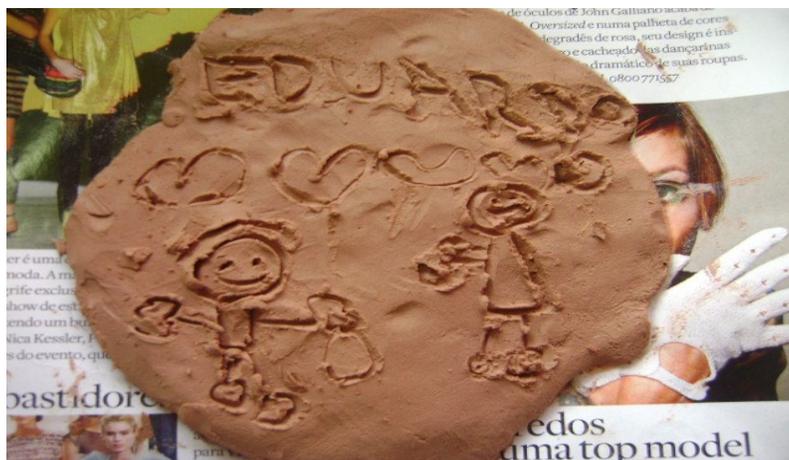
Vimos também à escrita cuneiforme anterior a pictográfica, que **se caracterizava por ser uma forma de se expressar difícil de ser decifrada, pois possuía mais de 2000 sinais e seu uso era de uma dificuldade enorme.** Os Sumérios utilizavam em determinada época remota, bloquinhos de argila para escrever e, quando queriam que seus registros fossem permanentes, as **tabletas cuneiformes eram colocadas em um forno.**

Essa escrita era feita com palitinhos de madeira, a qual pudemos reinventar em nossa sala com muita criatividade e capricho. Todos escreveram seus nomes e todos desenharam, mas apenas oito alunos escreveram alguma palavra de forma silábico alfabética: 1 (cavna - caverna), 2 (bioa - boi), 3 (oco - osso), 4 (tau - tatu), 5 (cavao - carvão), 6 (gijos - giz), 7 (amio - amigo), 8 (buaco - buraco). Quatro alunos escreveram alfabeticamente com algumas trocas de letras: 1 (amiho - amigo), 2 (boi -boi), 3 (tatu - tatu), 4 (oso – osso – cavao – carvão – giz -giz).

Como adverte Ferreiro (1985), mesmo que não saiba ler e escrever convencionalmente o alfabetizando constrói hipóteses acerca da leitura, e da escrita vivencia conflitos cognitivos e, nos seus esforços para solucionar os conflitos, avança na construção do conhecimento. Cada aluno tentou escrever uma mensagem sobre o que havíamos descoberto em relação a esta escrita. Alguns usaram apenas desenhos; outros já tentaram produzir palavras.

Através dos trabalhos com a escrita pictográfica percebi que o primeiro desafio foi provocá-los a distinguir o que era desenho do que era escrita. Muitos questionaram que nesta época da história os homens não escreviam, pois existiam escritas em que eram muito presentes os desenhos. Alguns se manifestaram e disseram que também se escrevia com os desenhos, pois em alguns locais como nos semáforos as pessoas não usavam palavras e sim desenhos para se comunicar. A discussão foi grande, os trabalhos variados, mas dentre eles existiam escritas que se observava apenas à imitação do ato de escrever, na qual apenas se reproduz traços identificados como forma básica da escrita.

Segundo Ferreiro e Teberosky, (1985) o trajeto percorrido pelos pequenos na construção do conhecimento da língua escrita se dá por meio de hipóteses, que vão evoluindo com o tempo e se acomodando ao que eles já sabem, de acordo com o desenvolvimento intelectual de cada um. Isso, ciente de que esta evolução não se dá sozinha, mas sim, na interação com seu objeto, pela problematização, exatamente, deste objeto que é a escrita.



Em outro capítulo da história narrada para as crianças...

Você entra novamente para a sua super máquina e viaja mais um pouco, chega no tempo em que as pessoas começaram a descobrir que juntando alguns sinais, representavam o som da fala. Assim, por exemplo, se a pessoa quisesse dizer soldado, desenhava sol+ dado; se quisesse dizer camaleão, desenhava cama+ leão.

Conhecemos neste trabalho também a escrita egípcia que criou o papiro produzido através de uma planta com este mesmo nome. Para representar a escrita no papiro utilizamos filtros de café usados.

Assim continuamos a nossa viagem pela história...

Você entra novamente em sua máquina e desta vez não viaja pelo tempo, desta vez, resolve ficar um pouco mais nesta época, viajando para outro local, para o Egito; onde eles também criaram outra forma de registros, outra forma de escrita.

Os egípcios desenvolveram a escrita quase na mesma época que os sumérios, aqueles que escreviam nos blocos de argila lembram?

A escrita dos egípcios era formada por desenhos e símbolos de difícil compreensão. As paredes internas das pirâmides eram repletas de textos que falavam sobre a vida do faraó, rezas e mensagens para espantar possíveis saqueadores. Foram

eles que inventaram um papel chamado papiro, produzido através de uma planta com este mesmo nome.

Vamos registrar como pensamos que acontecia este processo?

A escrita hieroglífica egípcia, desenvolvida aproximadamente em 3100 a. C., empregou um sistema parecido àquele cuneiforme. Sinais simples eram logográficos o desenho de uma perna representando a palavra "perna", duas pernas significando "ir" e assim por diante. Sinais complexos eram feitos pela combinação de sinais simples, sendo que cada um desses passou a representar um som oriundo de um sinal simples.

Após conhecermos um pouco desta forma de escrita e de realizarmos o trabalho artístico; trabalhamos com o alfabeto móvel uma das atividades preferidas deles. Trouxe uma mala para sala de aula e de dentro ia tirando alguns desenhos que lembravam Egito, sugeridos anteriormente em nossa conversa na rodinha:

- Múmia;
- Pirâmide;
- Areia;
- Pó;
- Rei.

À medida que mostrava os desenhos, eles formavam as respectivas palavras com o alfabeto móvel, segundo suas hipóteses. Depois, no quadro eu colocava a figura e a escrita ao lado.

Para finalizar, reproduziam as mesmas escritas em folha xerocada onde estavam os mesmos desenhos expostos no quadro com o intuito de realizarem a transcrição do alfabeto móvel para o papel.



Estes trabalhos foram realizados a fim de construir uma aprendizagem reflexiva e significativa para todos, dentro do contexto em que estávamos trabalhando.

O trabalho desenvolvido visou buscar evidências entre os fundamentos da teoria que embasou o trabalho da arquitetura e sua aplicação na prática. Assim, foi oportunizado aos alunos atividades que estimulassem seus interesses e curiosidades, desencadeando experimentações e possibilitando, deste modo, assim a abertura para novas relações, ao invés de restringir a busca de uma simples resposta.

Os procedimentos utilizados para conhecer as diversas formas de escrita, seus usos sociais e suas utilidades foram muito importantes para os alunos, pois auxiliaram os mesmos na compreensão da escrita.

A forma lúdica de trabalhar fez com que os alunos aprendessem brincando e ficassem cada vez mais estimulados e participativos nesta construção. Eles trouxeram muitas informações e idéias. Não há como negar que querem muito saber sobre tudo que diz respeito à época pré histórica e também sobre os dinossauros. O aluno “R”, o aluno “E” e o aluno “C” pediram para assistir o filme *Era do gelo 3* e alguns até debateram como os homens e animais desta época se comunicavam, como morreram, se existem ou não. Frente á tantos pedidos resolvi atendê-los passando na sala de vídeo o filme tão desejado.

Este filme, A Era do gelo 3 aborda uma viagem pelo Vale dos dinossauros e um pouquinho sobre a sua existência e desapareção. Os personagens tem um encontro emocionante com estes animais pré históricos.

Todos os alunos adoraram, principalmente porque puderam ir à sala do vídeo e assistir no data show que produz uma imagem grande e dá a sensação de estarem no cinema.

Continuando a nossa história...

Agora você passa por muitos lugares, todos vivendo no mesmo tempo como aconteceu com os Sumérios e os Egípcios e se depara com um grande número de povos. A escrita cada vez mais vai se tornando uma necessidade para as civilizações. Então percebe que os homens passam a criarem símbolos para poderem representar as coisas e na continuidade histórica, cada vez mais, esses símbolos vêm sofrendo modificações.

Mostrei para os alunos cartazes apresentando estas mudanças na escrita.

Durante a realização do meu estágio preocupei-me em dar seqüência à história da escrita contada para as crianças. Dentro desta, não poderia faltar a escrita de cartas, porque a escrita surgiu devido à necessidade de comunicação dos homens e num determinado momento, à medida que a população foi se distanciando, surgiu a necessidade de se comunicar com os entes queridos.

E como se comunicar sem telefones, Internet, etc? Os alunos ficaram apavorados e questionaram como não existia telefone. Na verdade não imaginavam a vida antes destas tecnologias, então expliquei que enviavam cartas.

Trouxe, então, uma réplica da carta do Descobrimento do Brasil, li um pequeno trecho para eles, expliquei a dificuldade em trazê-la para o rei e como as cartas na época eram modernas e importantes. Fui fazendo algumas apresentações de cartas como as que eram jogadas no mar, sem deixar de associar a mesma à necessidade de comunicação e que somente foi possível devido à invenção, digamos assim, da escrita.

Quando falei para eles que iríamos escrever uma carta para enviar aos colegas, ficaram um tanto surpresos, alguns até disseram que só conheciam cartas de contas, de luz, de água, etc. Mesmo assim, a escrita das cartas foi um sucesso, cada um escreveu o que quis e desenhou para complementar. Alguns até escolheram sinais para explicar o que queriam dizer; como mãozinha para dar tchau, coração para representar carinho. Uns alunos escreveram letras soltas, outras palavras conhecidas e alguns até as palavras “amor”, “amigos” e “te adoro”.

Lacramos as cartas e eu então escrevi os endereços para que os carteiros, por sua vez, conseguissem entender. Eles, eufóricos, disseram que já iriam esperar pela entrega, ansiosos!

Trabalhamos a palavra carta, carteiro e realizamos atividades escritas com o mesmo contexto. Perguntei como o carteiro encontraria a casa deles, a rua. Fomos conversando até que o aluno “V” respondeu que o nome da rua dele está escrito em uma placa. Perguntei que outras placas de sinalização conheciam. E assim a conversa continuou enquanto eu listava as falas no quadro.

O motivo para trabalhar os sinais, se deu porque muitas crianças, antes de escreverem, se utilizam dos mesmos para fazer o reconhecimento dos objetos, situações ou sentimentos como ocorreu na escrita das cartas. Além de também ser uma forma de comunicação, utilizada por pessoas não alfabetizadas, alfabetizadas, crianças em processo de alfabetização, etc.

Trabalhamos com os sinais mais conhecidos como permitido estacionar, travessia de pedestres, pare e outros assim como seus nomes.



Construímos e desconstruímos as palavras com o alfabeto móvel e formamos outras, foi um processo muito enriquecedor.

Ao iniciarmos a viagem pela história da escrita com a turma 14, conhecemos e registramos todas as descobertas sobre a necessidade de comunicação. Passamos pelas diferentes escritas dos povos, a criação dos numerais, e a sua evolução. Essa se deu do carvão para argila, para tinta feita de sangue dos animais, para criação do alfabeto e sua utilização atual convencional.

Seguimos viagem pela parte histórica da escrita que passa pelas cartas tão utilizadas antigamente, até chegar ao computador, e-mails, e tudo mais. Até finalizar com a apresentação de power point criada pela turma no LABIN para a comunidade escolar.

Deste modo, busquei fazer de minha arquitetura um pequeno processo de interação com a língua escrita em que o grande desafio não foi apenas decodificar, ler e escrever, mas também compreender os usos sociais desta.

O trabalho foi desenvolvido em cima de um rigoroso planejamento curricular centrado no processo de aprendizagem dos alunos. Para isso, fomos trabalhando a história da escrita em capítulos semanais, durante todo período do estágio. Este material foi produzido em folhas xerocadas, as quais foram utilizadas na confecção do Portfólio de cada aluno que mostrava não só a evolução da escrita na história da humanidade, mas também, a evolução da escrita dos alunos ao longo deste período.

Neste Portfólio, trabalhamos também com a história dos numerais, que aconteceu juntamente com a evolução da escrita e, sendo assim, conhecemos um pouco da história de alguns povos que criaram os seus numerais, com suas especificidades e curiosidades.

Em mais uma parte da história contei para os alunos:

Agora você está voltando para a máquina, mas desta vez seu destino será 2010. Isso mesmo, voltará para os dias de hoje. Durante esta viagem você pensa e reflete em como a escrita foi e é um dos principais instrumentos para a grande evolução da humanidade, para suprir as necessidades de comunicação.

Ela, mesmo tendo sido inventada há tanto tempo... mais ou menos há cerca de 5 mil anos, continua sendo um dos bens mais importantes para a humanidade. É através dela que se criam leis e normas. É através dela que somos reconhecidos no mundo em que vivemos e através dela que vamos nos despedir desta viagem.

Fim

Minha arquitetura foi concluída com a realização de uma exposição na escola que tinha como título: *A história da escrita* e mostrava parte das aprendizagens e descobertas que tivemos durante este processo. O trabalho culminou com a entrega do Portfólio confeccionado pelos alunos com suas aprendizagens e os registros destas vivências.

Assim, organizamos a exposição e confeccionamos os convites no LABIN (laboratório de informática), para serem entregues às famílias da comunidade escolar. Utilizando os trabalhos que havíamos confeccionado neste período, montamos um túnel cronológico contando a nossa viagem. Ao término deste túnel, havia um aparelho de

data show, com apresentação das fotos e depoimento dos alunos em relação a este trabalho. Por fim, os pais receberam o Portfólio de seus filhos.

3.1 Aquisição do sistema de escrita

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. (FREIRE, 1998, p.11)

Quando iniciam o processo de alfabetização, as crianças tentam compreender o que a escrita representa, como estes sinais gráficos se organizam, formando assim uma representação. Então, começam a trabalhar com a diferenciação dos dois tópicos da linguagem: os significados e os sons.

Através deste estudo pude observar que as crianças vão elaborando hipóteses e resolvendo questões propostas que surgem ou que eles mesmos elaboram através de construções e reconstruções que vão dando lugar a novos conhecimentos, novas certezas e tantas outras dúvidas. Como aconteceu quando surgiu o questionamento:

Por que usamos a escrita?

Hipóteses apresentadas pela turma 14:

Para ler livros, revistas, gibis e jornais (L. L.);

Para saber as coisas que acontecem no mundo (D);

Para ler histórias de livros e nos divertirmos com elas (E. B.);

Quando estamos longe e não temos telefone, escrevemos cartas para dizer se estamos bem (Y);

Para ler o nome das lojas, farmácias e supermercados (C);

Para ler placas de carro, cartazes de circo (D. S.);

Para ler cardápios nos restaurantes (R);

Para vir na escola precisamos ler o nome dos ônibus (C. S.);

Para ler a bíblia (D. M.);

Para ler as propagandas dos supermercados (K).

Dentre os trabalhos realizados ao longo do meu estágio, um dos que mais se destacou foi a produção textual coletiva sobre nossas aprendizagens, registrado no wiki <http://cristinacoeelhoestagio.pbworks.com> Foi algo fascinante!

Toda a produção foi feita pelos alunos, cabendo a mim, registrar e organizar as idéias. Realizamos até votação para não deixar ninguém chateado quando tivemos que escolher um título.

As letrinhas (Título sugerido pelo Diego e aprovado pela maioria)

As letras começaram a aparecer ainda no tempo das cavernas, aquele tempo que tinham os dinossauros, até o Rex. Era tudo muito perigoso, então os homens queriam avisar aos outros destes perigos, de onde tinha tatu para caçarem, comida e onde eles moravam. Por isso escreviam nas paredes das cavernas uns desenhos que foram se transformando letras com o tempo, pois naquela época não tinha telefone, sabiam?

Para escrever nas paredes eles usavam carvão que queimavam as madeiras e elas ficavam pretas, boas para escrever. Também escreviam com uma tinta que faziam com o sangue dos animais e gordura. Muito legal.

Com o tempo os homens escreveram na argila, mas não era nesta que tem nas lojas para vender, pois não havia lojas, eles tiravam do chão e faziam umas

plaquinhas, não usavam lápis, pegavam pauzinhos para marcar a argila que é um tipo de barro.

Eles usavam estas coisas estranhas para escrever, pois não existiam os cadernos, nem os papéis. Quem inventou o primeiro tipo de papel foram os egípcios, deram o nome de papiro, se parece com o filtro de fazer café preto, mas não é.

Assim, as letras foram sendo inventadas, então em cada lugar umas pessoas faziam letras diferentes, chineses, árabes, egípcios, muitos que nem lembramos todos.

Assim as letrinhas foram melhorando e agora estão assim:

a-b-c-d-e-f-g-h-j-k-l-m-n-o-p-q-r-s-t-u-v-y-w-x-z

Para produzir este texto, utilizamos praticamente uma semana. No primeiro momento, eu anotava o maior número de idéias possíveis no quadro, depois ia descartando com eles algumas coisas, e tive que argumentar muito, pois não queriam abrir mão de nada. Que loucura estes debates. Depois eu lia para eles o que havia permanecido e fazia algumas modificações conforme o desejo destes meus lindos escritores.

Conforme salienta Ferreiro (2003), tradicionalmente eram considerados como mais importante, tanto por educadores quanto por pesquisadores, os aspectos figurativos da escrita infantil, ou seja, aqueles aspectos relacionados a elementos formais, tais como: a qualidade do traçado, a distribuição espacial das formas, a orientação predominante, a orientação dos caracteres individuais, etc.

Em meu estágio queria entender não estas aquisições, mas sim as construções mentais da criança na sua interação com os objetos do conhecimento, no nosso caso a escrita. Por isso a escolha em trabalhar com o estudo de caso e também os vários questionamentos que foram surgindo.

O processo de aquisição da escrita na minha experiência se deu relacionado com a história da escrita, pois no momento era com esta temática que estávamos inteiramente envolvidos; e sendo assim era o que queriam representar criando diferenciações muito próprias para estas representações.

O período de fonetização começou juntamente com a hipótese silábica. Quando os alunos começaram a perceber que a escrita tinha relação com os sons da fala e não com seus objetos.

De acordo com a teoria construtivista, um estudo psicogenético se interessa em conhecer não apenas uma sequência cronológica ou evolutiva. A pergunta central e persistente é: como se passa de tal estado de conhecimento a tal outro estado de conhecimento.

O pesquisador em psicologia genética, então, trata de identificar uma sequência evolutiva, mas não fica aí, tenta incessantemente reconstituir os laços de filiação entre os níveis que identifica. Neste processo identificam-se três grandes períodos distintos entre si na aquisição da língua escrita: a distinção entre o modo de representação da escrita entre outras representações, a construção das formas de representação e a fonetização.

3.1.1 A distinção entre o modo de representação da escrita

As marcas gráficas que reproduzem a figura do objeto representado que aparecem no início da aquisição da escrita pelas crianças, também pode ser percebida na escrita dos povos da pré-história, onde não havia organização nem mesmo padronização destas representações gráficas. Motivo este provocador de, ao longo dos anos, aparecerem às dificuldades em se comunicar tornando, dessa forma, necessário o início da combinação de símbolos na busca de uma escrita que tornasse o sentido mais evidente.

Assim, a solução para o nosso impasse é lembrar que as escritas não são tentativas iniciais de representar o que é falado, tão pouco servem apenas para representar objetos, mas são usadas para representar acontecimentos, situações. E algumas dessas representações, em nossa sociedade letrada e com a língua normatizada, acabam tomadas como modelo para o discurso. Ou seja, se a escrita não se resume a ser transcrição da fala, ela é, hoje, tomada como modelo para tal.

No trabalho que realizamos com carvão, percebi que todos em sua maioria eram capazes de distinguir desenho de escrita e ainda compreender que a escrita substituía algo. Durante as intervenções e questionamentos, percebi um enorme esforço cognitivo para entender essa distinção e pude compreender que isto tem um papel central na aquisição da escrita pela criança. É parte fundamental deste processo.

É importante que as crianças consigam diferenciar a atividade de desenhar da atividade de escrever como nos salienta Emília Ferreiro, pois para elas a escrita recupera o que se pode desenhar. No início da alfabetização, a criança pensa que a escrita por si mesma não é suficiente para garantir o significado e, por isso, as crianças desenhavam antes de escrever. Mais tarde, a imagem permite interpretar a escrita, auxiliando a compreensão como um indicador de sentido.

3.1.2. A construção de formas de diferenciação

Depois que a criança consegue resolver a diferenciação entre a escrita e o desenho, ela passa a considerar as características formais específicas da escrita. Parte para busca da definição do que serve para ser lido e o que não tem significação, ou seja, sendo assim, começa a estabelecer condições gráficas que a ajudam a construir formas para diferenciar a escrita.

Assim, a criança cria espontaneamente dois critérios básicos para que ocorra a leitura: a palavra deve possuir uma quantidade suficiente de letras, (em geral não se pode ler algo com menos de três letras) e deve respeitar uma variedade interna de caracteres, (para ser lida a palavra não pode coexistir letras que se repetem). A criança formula esses critérios como resultado de uma intensa atividade cognitiva, fruto da tentativa de se apropriar do sistema de escrita.

Para a aquisição da escrita é necessário criar condições sociais específicas, tais como manipular objetos próprios ao universo da escrita, livros, jornais e todo material escrito possível, interagindo com informantes para receberem deles as

informações adequadas sobre o conhecimento formal; no caso da escola os professores e em casa os familiares.

Em algumas produções realizadas com os alunos no filtro de café, pude observar momentos de transição entre as fases, comprovando que este processo de construção não é rígido e linear. Em alguns momentos as crianças pareciam reconhecer alguns valores sonoros como, por exemplo da vogal "i". Na escrita da palavra índio, o aluno Ricardo reconheceu a letra "i" inicial, mas disse que essa letra não poderia estar no meio novamente por já tê-la utilizado no início da palavra comprova-se assim que:

Para poder ler coisas diferentes, atribuir significados diferentes deve haver uma diferença objetiva nas escritas. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991, pág. 189) "

3.1.3. Adquirindo a Fonetização

Segundo Ferreiro e Teberosky, a fonetização surgiu da necessidade de expressar palavras e sons que não eram possíveis de ser representados e identificados por meio de desenhos ou combinações de desenho. "A necessidade de uma representação adequada para nomes próprios levou finalmente ao desenvolvimento da fonetização". (GELB apud FERREIRO e TEBEROSKY, 1999 pág 222).

Nesta etapa, a criança descobre que a quantidade de letras que vai utilizar para escrever uma palavra pode corresponder à quantidade de partes que reconhece na emissão oral. Essas partes correspondem inicialmente às suas sílabas. Sendo assim temos o início do período silábico, que vai evoluindo até chegar a uma letra por sílaba por letra, sem omitir sílabas e sem repetir as letras.

Neste momento, as crianças estão resolvendo o problema de quantas letras são necessárias para uma palavra dada, mas ainda não estão preparadas para resolver quais letras devem servir para escrever esta palavra. Para seguir a caminhada em

busca da apropriação da escrita, a criança ainda terá que resolver problemas quanto à correspondência quantitativa e qualitativa.

No mesmo período, mas não necessariamente no mesmo tempo, a criança começa a adquirir valores sonoros relativamente estáveis estabelecendo a correspondência qualitativa. As partes sonoras similares entre as palavras começam a expressar-se por letras semelhantes.

O sistema de escrita que a criança encontra no mundo circundante não se acomoda à este esquema por ela construído. Apesar de compreender o que faz, a criança não consegue explicar o que os outros fazem. Também não é capaz de compreender as informações que recebe. Toda informação vinda do meio ambiente é perturbadora neste momento. (FERREIRO, 2003)

Quando a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade e sim que ela é parte de um todo, esta ingressa por sua vez no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido. Nesta etapa, passa de uma correspondência global para uma correspondência termo à termo. Assim, surge a hipótese silábica: cada letra vale por uma sílaba.

“A criança trabalha pela primeira vez com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991, p. 193)”.

A passagem da hipótese silábica à alfabética ocorre quando a criança busca elementos que complementem sua escrita, tentando encontrar relação entre os fonemas e os respectivos grafemas que os representam. Nesta etapa, finalmente a criança escreve algumas palavras convencionalmente e em outras situações demonstra ainda procurar a forma convencional de fazê-lo. Em outros casos por sua vez, parece demonstrar não haver superado completamente a hipótese silábica.

O aprendiz abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vai além das sílabas. É movido pelo conflito que experimenta a partir da hipótese silábica, juntamente com a exigência de quantidade mínima de grafemas e as formas gráficas que o meio lhe propõe. (FERREIRO; TEBEROSKY,1991,p.194).

No nível da Escrita Alfabética a criança compreende o funcionamento do sistema alfabético e, a partir de agora, terá que aprender que a escrita é uma representação da língua e não da fala. Somente depois desta etapa, a criança por sua vez partirá para compreender as irregularidades deste sistema.

O aprendiz compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. A partir desse momento, a criança se confrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito. (FERREIRO; TEBEROSKY,1991,p.213).

Depois que a criança consegue resolver a diferenciação entre a escrita e o desenho, ela passa a considerar as características formais específicas da escrita. Parte para busca da definição do que serve para ser lido e o que não tem significação, sendo assim, começa a estabelecer condições gráficas que a ajudam a construir formas para diferenciar a escrita.

Assim, cria dois critérios básicos para que ocorra a leitura: a palavra deve possuir uma quantidade suficiente de letras, em geral não se pode ler algo com menos de três letras e deve respeitar uma variedade interna de caracteres, para ser lida a palavra não pode coexistir letras que se repetem. A criança formula esses critérios como resultado de uma intensa atividade cognitiva, fruto da tentativa de se apropriar do sistema de escrita.

Para a aquisição da escrita é necessário criar condições sociais específicas, tais como manipular objetos próprios ao universo da escrita, livros, jornais e todo material escrito possível, interagindo com informantes para deles receber as

informações adequadas sobre o conhecimento formal; no caso da escola os professores e em casa os familiares.

Em algumas produções realizadas com os alunos no filtro de café, pude observar momentos de transição entre as fases, comprovando que este processo de construção não é rígido e linear. Em alguns momentos as crianças pareciam reconhecer alguns valores sonoros como, por exemplo da vogal "i". Na escrita da palavra índio, o aluno Ricardo reconheceu a letra "i" inicial, mas disse que essa letra não poderia estar no meio novamente por já tê-la utilizado no início da palavra.

"Para poder ler coisas diferentes, atribuir significados diferentes deve haver uma diferença objetiva nas escritas.(FERREIRO; TEBEROSKY,1991,pág.189)"

4 Repensando as aprendizagens

Percebi, durante a realização de minha prática docente, que a escrita foi um dos principais instrumentos para a grande evolução da humanidade, e que essa necessidade surgiu devido à necessidade de comunicação à distância, de manutenção de registros, de preservação da memória, entre outras necessidades da humanidade.

Aos seis anos de idade – idade dos alunos com os quais realizei o estágio –, as crianças possuem muitas certezas sobre a escrita. Também resolvem sozinhas muitas dúvidas e problemas existentes para compreenderem as regras da representação escrita. Cabe à escola dar sequência a este caminho já iniciado, respeitando as diferentes hipóteses de cada um dos sujeitos e os níveis em que se encontram, pois como vimos isto é fruto de um grande esforço cognitivo do aluno.

Percebemos com a teoria psicogenética que o aprendizado da criança está no centro do processo. O conhecimento não está nem no sujeito nem no objeto, mas, dá-se pela interação ou trocas entre o sujeito e o objeto onde ambos se transformam.

Mais do que saber usar a linguagem oral, trata-se de ajudar primeiro a tomar consciência de algo que ela sabe fazer, de ajudá-la a passar de um saber fazer a um saber a cerca de, a um saber conceitual, uma vez que a criança já pensa a escrita muito antes de entrar na escola. E, segundo Ferreiro e Teberosky (1985), o trajeto percorrido pelos pequenos na construção do conhecimento da língua escrita se dá por meio de hipótese de escrita, que vão evoluindo com o tempo e se acomodando ao que eles já sabem, de acordo com o desenvolvimento intelectual de cada um.

Através da Psicogênese, pude compreender também que o papel do professor como mediador no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita é fundamental, com o apoio desse referencial teórico, o professor pode planejar, executar e avaliar com mais segurança, portanto, pode exercer a mediação docente de forma mais efetiva.

De acordo com a teoria exposta na Psicogênese da Língua Escrita e a minha prática docente, toda criança passa por quatro fases principais até que esteja alfabetizada: Pré silábica, Silábica, Silábico alfabética e Alfabética.

Sinto-me realizada, pois percebi que meus alunos compreendem que existe um alfabeto, um código, e que necessitam deste para participar de um veículo de comunicação fascinante que é a escrita. E também conseguem ver a importância em dominar este sistema para poder se comunicar com os demais, ao observar que este processo não ocorre apenas com eles, mas sim, desde os primórdios da existência da escrita humana.

Acredito que tenha alcançado a maior parte de meus objetivos, pois vivenciamos novamente muitos destes processos históricos de forma lúdica, investigativa e também científica quando pesquisamos assuntos interligados e comprovamos nossas hipóteses.

Em relação à filogênese e a psicogênese, podemos dizer que há um certo paralelo entre ambos os processos e não uma repetição destes, porque os grandes obstáculos conceituais devem ser ultrapassados por cada sujeito, assim como a humanidade os ultrapassou ao longo da história de construção da escrita alfabética .

Há muito sim que explorar no aprendizado da leitura e da escrita. As crianças podem experimentar, durante suas brincadeiras, suas hipóteses sobre o que a escrita representa e como podem representá-la.

Por fim, podemos afirmar que, inicialmente, a criança compreende a escrita como um sistema de representação que é diferente do desenho e a leitura como forma de interpretação desta representação uma maneira de explicar o que foi comunicado. Apenas mais tarde as crianças desenvolvem uma visão da natureza alfabética da linguagem e aprendem que existe uma relação complexa entre o sistema sonoro e o sistema gráfico.

Professora viu como o “D” acertou? Ele disse que inventaram as letras no tempo das cavernas. (“D” 01/07/2010) Viram só como eu tinha razão? Existem muitas letras de outros tipos, (“Y” 01/07/2010).

Referências

CAGLIARI, Luis Carlos Recreio revista- **Universidade Estadual de Campinas**

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre Alfabetização. Tradução: Horácio Gonzáles (ET.al).24ª ed.São Paulo. Cortez.2001

FERREIRO, Emília e PALÁCIO, Margarida Gomes. Os processos de leitura e escrita. Ed Artmed.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana- **Psicogênese da Língua Escrita**- Porto Alegre: Artmed, 1985.284 p.

FREIRE, Paulo.(1979) Educação e mudança. RJ: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. **(1987)** Pedagogia do Oprimido. 17ªEd.Rio de Janeiro, Paz e Terra

GADOTTI, Moacir (1993)- História das idéias pedagógicas- Ed Ática

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola,2003

LE MOS, C.(1998). **Sobre a aquisição da escrita: algumas questões**. In. R. Rojo (Org.), Alfabetização e letramento (pp. 13-53). São Paulo: Mercado das letras.

PIAGET, Jean - **A formação do símbolo na criança**

PIAGET, Jean - **A representação do mundo na criança**

PIAGET, Jean. O desenvolvimento mental da criança. In: Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense

ROCHA, Ruth. O livro da escrita

TEBEROSKY, GALLART e Ana Martya Soler.Contextos de Alfabetização Inicial Ed. Artmed

WERTSCH, James V e RÍO, Pablo Del e ALVAREZ, Amélia- Estudos Socioculturais da Mente Ed Artmed, Porto Alegre (1998) p.89 a 109

Sites utilizados:

* www.acaoeducativa.org.br

* www.acaixamagica.com/o_livro_da_escrita/

* <http://ahistoriadaescrita.blogspot.com/> (professora Marcela)

* www.ienh.com.br/download/atividades_Alfabeto/livro/livro

http://www.youtube.com/watch?v=AVKOCSU8zql&feature=player_embedded